



FRENESI

Por Kal-El Bogdanove



O vento agora estava às suas costas. Era um bom indicador de um bom voo adiante. Parecia uma bênção para Alden Moss, postado à beirada do penhasco, encurvando os dedos do pé e deixando o solo seco e arenoso cair em pequenos torrões que sumiam no nada lá embaixo. Alden sabia que o chão estava lá. Ele o explorara, pousara nele, levava uma moça nativa bonitinha lá embaixo para dar uns amassos. Mas em manhãs como aquela, quando a luz ainda não tinha chegado ao fundo do desfiladeiro, gostava de fingir que o chão não estava lá, como se ele estivesse prestes a avançar para dominar um abismo tão ilimitado como o próprio espaço.

Ainda não era dia claro, mas os primeiros raios da aurora atravessavam as nuvens cor de pérola e cobalto. Estava claro o suficiente para um rapaz com vista boa enxergar. Ele verificou as presilhas do aparelho uma última vez, como seu pai lhe ensinara anos atrás, e saltou.

As rajadas do vento sopraram na asa-delta. Os cimos das montanhas agora estavam dourados e pareciam se estender infinitamente. Um mar fractal de altos penhascos, desfiladeiros espiralantes e platôs áridos — uma maravilha geológica como nenhuma outra.

Alden subiu, deslizando ao nível do penhasco, entrando e saindo das áreas iluminadas como um peixe subindo a correnteza. Atrás dele ficavam as preocupações com a escola, com seus pais, o alistamento... o outro alistamento. Tudo aquilo ficara no chão. Ali em cima, com o vento entrando em seus pulmões, esticando a asa delta e soprando em seus ouvidos... Alden era livre.

O som, quando veio, era baixo comparado ao rugido do vento — um barulho diáfano e distante. Mas penetrou Alden até a medula dos ossos como nenhum outro em seus vinte anos de vida.

Tekeli-li.

Aquilo era errado. O ar era dele! Sua mente devia estar limpa, seu coração, desafogado — um mestre do abismo! Mas o som retornou, dessa vez mais alto...

Tekeli-li!

...atrás dele. Alden virou o pescoço, mas o Sol estava às suas costas, e as grandes asas esticadas da asa-delta, as asas que ele pensara ser suas, agora eram como pontos cegos insuportáveis. O que podia estar ali em cima junto com ele tão cedo?!

TEKELI-LI!

Era um som de pesadelo, de alguma coisa antiga e inominável que residia em algum sonho febril. Ele mergulhou na direção do abismo, desejando cair e aterrissar na própria cama, empapado de suor e já quase esquecido do barulho tão pouco familiar. Se pelo menos pudesse ver!

A sombra passou e ele ouviu o farfalhar furioso de asas de couro, o ranger de dentes e um tom úmido de carne coleante tremendo de antecipação.

Alden gritou quando Aquilo apareceu e ele viu a face do terror, a bocarra abjeta e coberta de cicatrizes do seu pesadelo. E seu grito se uniu ao da criatura em um único som...

TEKELI-LI-I-I-I-I!

...até que dentes rasgaram carne e o silêncio recobriu o abismo.

* * *

"Esta cidade precisa do comércio turístico."

O prefeito Haskins cortou a ponta de um charuto caro ao dizer isso. Rin Shearon aquiesceu educadamente, mas pensou: *Meu Deus, até parece que eu já não ouvi isso antes.*

Rin estava cansada e sentia-se desconfortável. O suor que porejara de suas costas durante a perseguição em um dia quente agora esfriava no ar condicionado do escritório, e a pesada sacola com esteroides do mercado negro que ela tomara do meliante empurrava as seis pontas de sua estrela de xerife contra seu peito. *Uma combinação perfeita de irritações físicas.*

O prefeito estava desenvolvendo seu tema de abertura, como se ser a xerife de Quijadas por quatro anos e filha do xerife por vinte e cinco anos antes disso já não tivesse alertado Rin do fato de que a única razão para visitantes extraplanetários visitarem uma luazinha pedregosa feito Choss era a oportunidade de mergulhar dos seus belos penhascos e planar pelo ar seco do deserto.

Para os entusiastas da asa-delta, Choss era a coroa e Quijadas era a joia, lar de desfiladeiros altíssimos e serras de tirar o fôlego, formações únicas em todo o setor, deixadas para trás quando algum oceano pré-histórico evaporou.

O trabalho principal de Rin era manter tudo o que não se encaixasse na imagem de cidade turística perfeita longe dos olhos dos turistas. Às vezes isso significava correr atrás de um traficante de esteroides e derrubá-lo atrás da loja MochilaJato's do Azlup, como fizera aquele dia.

A maior parte do tempo, significava expedir multas por excesso de velocidade, prender bêbados e bagunceiros e assustar os adolescentes que iam até as fontes minerais para se chapar com turca artesanal.

Era um bom trabalho, e Rin era boa nele. Ela não sabia por que não tinha medo de enfiar o dedo delicado na cara de algum encrenqueiro, mas o fato é que não tinha mesmo. Talvez

fosse genético. Talvez cinco gerações de avôs xerifes tivessem passado essa característica adiante. Que diferença fazia? O importante era que funcionava.

O prefeito estava terminando o discurso, e bem na hora. Rin tinha dado duas mordidas em um sanduíche de salada de ovo, quando seu ajudante ligou dizendo que o traficante que estavam tocaiando entrara em ação. Ela gostava muito de salada de ovo, mesmo se o ovo fosse de karak e não de galinha, mas o gosto não melhorava quando ficava de molho no prato.

— Sim, senhor. Todos ficamos felizes dessa história ter sido resolvida sem alarde.

— Não, senhor, não acho que seja indício de que o tráfico de drogas esteja se instalando em Quijadas.

— Não, senhor, não acho que ninguém da *Gazeta* tenha ficado sabendo.

Caceta.

O calor atingiu Rin feito um punho quando ela saiu da escuridão fresca do escritório do prefeito. Ela tinha dirigido o velho calhambeque de blindagem leve até a cena do crime e de lá até a cadeia, mas trocou de condução e pegou o *cruiser* antes de encontrar o prefeito; sabia que ele odiaria ver o veículo blindado, com suas portas enlameadas e armas antigas no teto, rugindo pelo centro da cidadezinha antisséptica. *O cruiser não atravessa nem o primeiro arroio que a gente encontra saindo da cidade*, pensou ela, cansada, enquanto subia no carro.

Ela dirigiu por duas quadras, passando por três sorveterias, uma loja cheia de mobília rústica, um lugar que vendia queijo artesanal e outra que oferecia "húmus protoss genuíno" (Rin sabia que aquilo era lorota, porque os protoss não tinham boca coisa nenhuma). Então o fone tocou.

— Siga até Shearon — disse Rin, tocando na tela de vídeo. A face amistosa de Rita, uma de suas ajudantes, apareceu.

— Olá, R. Recebi uma ligação esquisita de Dolly Juarez, da "Aluguéis Orla-Norte". Parece que tiveram algum acidente por lá. Ela está bem chateada.

Rin sentiu o estômago embrulhando. Era irônico: a única coisa que Rin realmente temia eram os malditos penhascos que davam fama à cidade.

Era só gastar um pouco de dinheiro e você também poderia escalar, mergulhar e deslizar planando por entre os desfiladeiros mais belos de Choss. *Podem ir sem mim*, pensou Rin. *Brrr.*

Ela conteve o pequeno frêmito de medo e deu a volta. — Obrigada, R. Eu vou até lá. Imagina o chilique que Haskins vai dar se algum cretino ricoço morrer caindo lá de cima. Não sei se aguento outro discurso de "essa cidade precisa do comércio turístico".

— Boa sorte, xerife.

* * *

A asa-delta estava danificada, mas o corpo estava pior. Bem pior. Dolly Juarez estava muito nervosa, de forma que foi Dium Flecc, o técnico de aparelhagem, levou Rin pela trilha de manutenção sinuosa até onde estavam os restos.

Rin sentiu o ovo de karak e a maionese se revirem em seu estômago. Ela tentou se convencer de que era o cadáver que a deixava mal, mas na verdade era o abismo que se abria a um metro de distância. E o penhasco erguia-se imponente acima dela também. Rin se perguntou, pela milionésima vez: *Como as pessoas sobem nesses trechos?*

Ela se agachou para examinar a ferida enorme no peito do cadáver. Ele tinha caído e rolado por uma boa distância, mas estava claro que o dano principal fora a enorme perfuração torácica.

— Mas que cacete, Dium. Ninguém viu nada?

— Alden Moss vivia por aqui. Garoto rico. Estrela do futebol americano na faculdade. Ele ia ser a primeira escolha dos olheiros este ano. Dizem que os Asteroides e os Tigres estavam disputando o passe dele por trás dos panos já faz um mês.

Rin olhou para o corpo contorcido. *Adeus, passes longos. Adeus, barris de cerveja e estudantes bonitinhas. Adeus, touchdowns. Um desperdício do cacete.*

Flecc continuou: — Ele já voou por todo o setor. Vinha para cá com o pai todo verão desde que era criancinha. A Dolly tem até uma bola autografada na mesa dela. Fazia anos que Alden não precisava mais de guia. Ele sai do hotel cedinho... e a gente nem teria percebido que ele saiu se não fosse a prateleira vazia no depósito de equipamento.

— Você já voa há bastante tempo. O que acha? — perguntou Rin, erguendo delicadamente um membro mutilado com a caneta que levava no bolso da camisa.

— Se o amortecedor falhou e ele foi de encontro a uma rajada forte como as de Zeph III, então ele bateria nas pedras mesmo. Talvez a queda tenha sido responsável pelos danos na asa-delta, pelos ossos quebrados e os cortes superficiais. Mas nunca vi a gravidade fazer feridas *feito essa*.

— E cadê o sangue? — perguntou Rin. — Mesmo que ele tenha ficado entalado em algum ponto e derramado tudo, alguma coisa deveria ter caído por aqui. Qualquer coisa. Mas não tem nada.

— Parece que alguma coisa chupou ele feito uma caixinha de Sukito. — Flecc coçou a cabeça calva, morena de tantos anos ao ar livre. — Talvez morcegos tenham encontrado o cadáver...

— Teria que ser um monte de morcegos pra secar um cara grande assim. E a menos que ele tenha saído antes do pôr das luas...

Tá bem com cara de que isso vai ser um problemão, pensou Rin, e, quando pensou isso, Flecc concordou com o que ela não expressara.

— Xerife... eu só fiquei no exército durante uma temporada, e ficamos o tempo todo treinando saltos do ar. Nunca vi um alienígena vivo. Mas vi os vídeos educacionais no treinamento básico, e nos vídeos eu vi *uma criatura apenas* que podia fazer um buraco desses...

Um problemão, pensou Rin. — Dee... você trouxe alguma arma quando foi dispensado?

— Trouxe, um Torrent. SR-8. Uso para explodir a fuça de grão-javalis quando saio para caçar nos fins de semana.

— Melhor manter à mão quando sair com a excursão, ok? — disse Rin. Ela se apoiou nos calcanhares, se levantou e foi para longe do cadáver, que já cheirava mal.

— Você acha que *é* um alien? — perguntou Flecc.

— Não importa o que eu acho — disse Rin, evitando olhar para o desfiladeiro. — O que importa é no que Haskins vai acreditar depois que eu contar pra ele.

* * *

— De maneira alguma.

A pele do prefeito passou de pálida a rosada. *Como ele consegue continuar tão branco quando nós precisamos nos tratar contra câncer de pele a cada dez anos?* — perguntou-se Rin.

— Fechar os desfiladeiros no final de semana do Dia da Posse? Por que não tacamos logo fogo na tesouraria e acabamos com tudo de uma vez? "Mutaliscas nos desfiladeiros".

Ridículo! O que tem aqui em Choss para chamar a atenção dos zergs?

— Talvez alguns tenham ficado para trás na época das perturbações. — Rin odiava o termo usado pelos nativos para se referir ao que o resto do setor chamava, apropriadamente, de "guerra".

Rin sabia que os Chossianos tinham saído relativamente incólumes da guerra. O exército instalara uma estação avançada no deserto, e no final os zergs tinham vindo disputar o território. Tudo não durara mais que um mês; tinha acontecido do outro lado da lua; e a única perda que Quijadas sofrera fora o pai de Rin.

Considerando que eles não tinham perdido nada e ela perdera tudo, Rin irritava-se com os nativos que preferiam esconder a coisa atrás de um eufemismo. Às vezes ela se divertia dando nome aos bois, mas naquele momento a situação com o prefeito já era delicada demais.

— Que bobagem. As perturbações foram lá em Bim Battum! Três equipes sanitárias de soldados varreram esta lua, e não foi barato para nossa cidade. Choss é um point de férias certificado.

Rin suspirou fundo, na esperança de conseguir se impedir de estrangular o prefeito. — Eu não sou perita, mas dizem que as mutaliscas são mais parecidas com insetos que o resto dos zergs. Elas vão para onde o Enxame quiser, mas às vezes seguem para onde seus cerebrozinhos de inseto dizem que é bom.

— Eu não vou tirar a comida da boca dos meus concidadãos por causa de um acidente de asa-delta. As pessoas assinam termos de responsabilidade quando sobem lá. Contate a família; providencie uma caixa refrigerada. Essa é minha palavra final sobre o assunto.

* * *

Não foi. As três mortes seguintes aconteceram dois dias depois: uma família inteira arrebatada em pleno voo. Rin soube da história pelo pobre Dium Flecc, entre arquejos de dor enquanto sangue ácido comia o que sobrara de seu braço esquerdo. Ele levava o Torrent e disparara, mas não fora esperto o suficiente para não ficar debaixo da criatura quando disparou.

Sangue de mutalisca se torna altamente corrosivo quando exposto à atmosfera, pensou Rin. Ela entrara na hipernet e lera sobre as criaturas na noite seguinte à tentativa fracassada de vencer a teimosia do prefeito. Surpreendentemente, havia bem pouca informação, mas Rin descobrira *aquela* detalhezinho precioso antes de Rita chegar para o turno da madrugada e a mandar ir logo para casa.

O prefeito Haskins não dissera uma palavra desde que entrara na sala; apenas passara de pálido a um tom esverdeado e tentava olhar para qualquer direção menos na de Flecc.

— Pegou eles e saiu voando. Meu Deus, Rin. Saiu voando com eles! — gemeu Flecc.

— Você fez o que pôde, Dee. Era pra eu estar lá em cima.

É, talvez fosse mesmo, pensou Rin, mas não sei de que adiantaria, eu lá em cima lutando contra monstros naquele penhasco maldito.

O doutor Beele deu alguma coisa a Flecc, e este deslizou para a inconsciência misericordiosa. Enquanto Beele começava a amputar o braço com laser, Rin voltou-se para Haskins.

— Melhor a gente dar uma volta.

Do lado de fora, o ar puro varreu o cheiro acre da pequena cirurgia que Beele realizava, e Rin inspirou fundo, agradecida. Haskins arquejava como se tivesse corrido a maratona.
— Vou precisar falar com Strong em uma hora. Não hoje à noite, nem amanhã de manhã. Uma hora — disse Rin.

Haskins aquiesceu com tanto vigor que parecia que sua cabeça se descolaria dos ombros. Rin continuou: — Ele é a droga do seu representante da Supremacia. É melhor que ele comece a representar.

* * *

"Strong", "forte", era, na opinião de Rin, o pior nome que o representante da Supremacia em Choss podia ter. Ele cumpria mais ou menos cinco por cento do que prometia — e isso em Quijadas, a cidade mais rica de Choss. Rin tremia só de pensar em como devia ser a folha de serviços dele em Zeb, a aldeia-rancho a dez cliques para oeste, onde morava a maior parte da equipe de funcionários dos hotéis.

Mas Rin enfatizara a natureza "vida ou morte" da situação, e Strong prometera enviar ajuda da Supremacia no cargueiro da manhã seguinte. E bem a tempo. Durante a noite, ocorrera outro ataque, mais perto da cidade.

Rin não devia ter confiado em Strong. Quando o CDF de 40 quilos, usando um casaco esporte de lã (*Lã! Em pleno verão de Choss!*) acenou para ela ao desembarcar, ela chegou a se inclinar para a esquerda para ver se as torres de mísseis Relâmpago que pedira tinham vindo em caixotes *atrás* do nerd.

— Você deve ser a xerife Shearon — disse ele, e pausou. — "Xerife Shearon." — Ele mastigou as palavras calmamente. — Nomezinho bem chiado. — Então, tendo considerado o nome dela satisfatório, estendeu a mão. — Brad Champlain, Operações de Pesquisa Especial. Então vocês estão tendo problemas com mutaliscas.

Rin lutou contra a vontade de gritar. — Isso é um eufemismo, sr. Champlain. Não leve a mal, mas eu esperava que o senhor fosse na verdade um estoque grande de mísseis terra-ar.

— Sério? Sinto muito, xerife; eles não deixam a gente chegar muito perto dessas coisas na OPE... Ahm, será que podemos continuar essa conversa em algum lugar com ar-condicionado? Acho que infelizmente não estou preparado para o calor da sua lua.

* * *

— Você é um perito em mutaliscas?

Eles estavam no Clube Agave, acima do campo de golfe. Era perto do estaleiro sideral e tinha ar-condicionado. Rin gostava do sanduíche de ovo deles — ovo de galinha mesmo, importado. Geralmente era mais do que ela podia pagar, mas tratava-se de um almoço de negócios...

Champlain sorriu, uma risadinha acadêmica educada. — Se é possível ser perito em mutaliscas, então acho que sou um deles. Mutaliscas são bem difíceis de se estudar. *Eita diacho, pensou Rin*, repetindo uma expressão favorita da mãe. Ela não se importou. — Mas você pode nos ajudar a nos livrar das mutaliscas daqui...

— No longo prazo, talvez. Sabe, o motivo da mutalisca ser um enigma é que é impossível fazer um exame físico completo numa delas. A mutalisca é cheia de uma gosma que se decompõe em um composto fluoroantimônico quando a carapaça do animal é rachada. Basicamente, a mutalisca se dissolve antes que uma investigação mais séria possa ser realizada.

— Ótimo. E como eu faço para elas se dissolverem? — perguntou Rin.

Champlain deu de ombros. — Extermine o animal.

— Então seu conselho de perito sobre como matar mutaliscas é: "Mate as mutaliscas". Doutor...

— "Professor" apenas está bom.

—... Eu não sei onde encontrá-las. Pode ter até umas dez dessas coisas por aí...

— Oh, céus, não.

Rin começava a perder a paciência. — Oh, sim. Eu assisti aos vídeos de segurança da Crista Norte. Tinha pelo menos cinco...

— Não, você entendeu errado. O que estou dizendo é que, se você viu um grupo de caça com cinco mutas duas vezes no mesmo lugar nesse número de dias, então deve haver um pináculo a uns 120 cliques do local.

— Um pináculo?

— Um *ninho*, xerife. Deve ser uma ninhada com sessenta mutas ou mais.

Rin sentiu o embrulho no estômago que geralmente associava aos penhascos. — Sessenta? Sessenta mutaliscas prontas para devorar minha cidade, e eles mandam *ocê*, um cara que

— não leve a mal — não parece que já deu um tiro alguma vez na vida.

— Não levo. Na verdade, me orgulho disso.

— Sinto muito. Vou ter que pedir ajuda em outro lugar — suspirou Rin.

— É melhor mesmo, se você pretende exterminar um pináculo de sessenta mutaliscas. Se elas começaram a atacar as pessoas, significa que já esgotaram a população de animais selvagens. A situação vai piorar. Espero que você permita que eu fique para estudar essa ninhada. Eu vou ajudar, se puder. Sei *bem* que essas criaturas são perigosas.

— Obrigada, doutor.

— Professor — replicou jovialmente, e deu uma mordida na omelete espanhola. (*De karak, mas não dava pra notar, com todo o tempero.*)

Rin encarou a salada de ovos. Parecia tão apetitosa antes das 55 mutaliscas.

Merda, pensou Rin.

* * *

— Sessenta? — perguntou Rita.

Rin retornou ao escritório depois de intermináveis reuniões com Haskins e os patriarcas da cidade, e encontrou Rita terminando os recados do mural como ela pedira. *Sempre bom saber que posso contar com alguém*, pensou.

Rin desafiou a arma do coldre, arremessou-a na gaveta e desabou sem cerimônia na cadeira perto da amiga e assistente.

— Champlain disse que elas já deviam estar lá desde a guerra, vivendo de morcegos e outros bichos nos desfiladeiros mais fundos. Acho que ele pode estar certo. Nós *estávamos* no meio do ciclo chuvoso na época da luta. Você sabe como os morcegos se multiplicam a cada cinco anos, mais ou menos. Mas a temporada seca já vem durando uns dois anos...

Rin suspirou. *O tempo me ferrou. Se eu fosse meteorologista, teria sido mais fácil proteger a cidade.*

Rita a encarava, esperando a ficha cair.

— Bom, enfim, ele falou que, se não sairmos de casa e ficarmos longe dos desfiladeiros, vamos ficar a salvo por mais algumas semanas. Mas do jeito que os bichos estão fazendo pressão... É melhor evacuarmos o Repouso da Colina.

— Nossa, o Haskins deve estar parindo gatinhos de raiva... E depois de algumas semanas, o que fazemos?

Rin afastou as mãos diante de si. — Precisamos de poder de fogo. A Supremacia vai ser tão útil quanto alçapão em canoa. Nunca vão admitir que as equipes sanitárias mandaram mal. Nós vamos precisar de mercenários. Mas se mercenários vierem para uma cidade como esta... eles nunca mais vão embora.

— Mesmo com uma xerife durona feito você, R? — disse Rita, piscando.

Rin sorriu e se voltou para a amiga. — Mesmo assim.

Na época em que Rin era a assistente mais verde da equipe do pai, Rita era uma menina de férias, lanchando *club sandwiches* no Agave e passando as noites planando de asa-delta enquanto seu fundo monetário engordava.

Elas tinham se encontrado quando Rita denunciara uma briga entre negociantes de commodities bêbados. Rin e o velho Arco Bousquette tinham sido os agentes da lei a responder.

Rita era filha de um casal de aristocratas que teria preferido que sua garotinha fosse a princesa dos bailes, e não a estrela do time de lacrosse. Rin era filha de um xerife de rosto pétreo que a criara aparentemente sem se dar conta de que ela era uma menina, e não um garoto.

As meninas formavam a dupla encenqueira clássica: a elegante Rita com madeixas de fogo e pele morena, e Rin, de traços rústicos, cabelos loiros que ela achava que pareciam uma colcha desbotada de tanto lavar e uma tez clara que tostava continuamente sem jamais ficar bronzeada.

Mas Rin e Rita se tornaram amigas imediatamente, aturando incontáveis piadas ao longo dos anos de caras que queriam "R e R" [sigla do exército para "Repouso e Recreação"]. Em dado momento, elas mesmas passaram a incorporar o apelido imbecil.

Quando as coisas finalmente ficaram insustentáveis entre Rita e sua família, Rin e seu pai a acolheram, dando-lhe trabalho na pequena força-tarefa.

Quando o xerife Shearon sênior morreu, foi Rita quem resgatou Rin da escuridão. Quando toda a família de Rita foi exterminada em uma incursão zerg sem se reconciliar com ela, Rin retribuiu o favor.

E quando Jasper, o primo de cinco anos de Rita, foi largado à porta de seu último parente vivo, Rin se dispôs a ajudar a amiga a criá-lo.

Como as outras garotas de Choss, Rin tivera namoricos com os bonitões de férias, mas nenhum deles perdurara. Quem tinha perdurado era Rita — mais próxima que uma irmã — e Jasper, menos filho de Rin do que ela mesma fora para seu pai, mas, assim como o pai, ela jamais pareceu notar. Era uma família meio esquisita, o órfão e as duas mulheres da lei, mas era o que Rin tinha.

— E aquele seu amigo Pearly? — perguntou Rita. — Ele não anda com um bando de mercenários?

— R, ele está com os Saqueadores do Raynor. Eles não atendem em domicílio para exterminar formigueiros.

Rita ficou quieta por um instante.

— R? — Rin hesitou. — Não deixe o Jasp sair de casa por alguns dias, tá bom? Alugue alguns holovídeos, algo assim.

Rin viu Rita aquiescer à luz débil da lâmpada da escrivaninha. Elas ficaram sentadas em silêncio por algum tempo. Então, enquanto Rin pensava em dar o dia por encerrado, Rita acrescentou: — Eu só achei que ele podia conhecer alguém. Ele tem gente aqui, sabe.

* * *

— Eita ferro, se não é a menininha de Rhett Shearon. Como vai, xerife?

— "Tá muito bom não, Pearly. A gente tá com uma situação bem cabeluda. Mutaliscas — disse Rin, observando o monitor piscar enquanto o dispositivo trabalhava com a matriz de decodificação que ela tivera que obter para conseguir um sinal limpo da *Hipérion*.

— Mutaliscas?!

— No momento, estão confinadas ao nosso setor, Pearly. Mas vão dar trabalho pro Repouso da Colina. — Toda a família de Pearly — incluindo o velho Arco, que já se aposentara — vivia em Bim Battum, do outro lado de Choss. Rin sabia que a preocupação mais premente de Pearly seria por sua família, e a segunda seria pelo hotel intrincado com fachada de penhasco que ele projetara nos desfiladeiros de Quijadas antes de partir para a luta. Ela explicou os detalhes da situação, e Pearly escutou com a atenção compenetrada que o tornara o melhor amigo do pai. Quando terminou, ele se recostou na cadeira, anos-luz de distância, e deu um profundo suspiro.

— Eu conheço um homem que talvez, *talvez*, possa ajudar você. Se quiser, falo com ele assim que desligarmos aqui. Mas vou te avisar, Rin: você contrata esse homem para matar

os bichos, e é o que ele faz. Até o último deles. Se alguma coisa se intrometer no trabalho dele... ele vai passar por cima. Entendeu? — Pearly se aproximou da câmera para enfatizar.

— Parece divino, Pearl.

— Muito bem. O nome dele é Breg Shaw. Ele deve chegar aí na sexta.

* * *

Breg Shaw chegou a Quijadas quarta-feira à noite, em um transporte dilapidado que fez Rin reconsiderar sua decisão. Haskins parecia ter farejado algo desagradável. Mas eles não tinham escolha. Tinha havido mais duas mortes desde que ela conversara com Pearly, e a cidade estava com os nervos à flor da pele.

Quando a poeira assentou, eles entraram no hangar para conhecer o mercenário.

Shaw era um homem enrugado e encarquilhado, com cicatrizes aparentes, como se tivesse sido esculpido em madeira nodosa por um escultor inexperiente. Ele os encarou com olhos fundos, apertados.

— Você é a moça xerife? — cuspiu ele, e sua voz era como uma motosserra temperamental.

— Katrin Shearon.

Não gosto dele, pensou Rin. Rita dizia que é porque ela não gostava da maioria das pessoas. Rin achava que isso era injusto: ela gostava de pessoas que valiam alguma coisa. Não importava: se Shaw pudesse fazer o serviço, ela logo gostaria dele.

— Então você é o político — continuou Shaw, medindo Haskins com o olhar.

Haskins sorriu como se tivesse mordido uma barra de sabão achando que era uma rosquinha.

— E vocês tão com uma infestação de mutalisca que vocês querem que eu limpe. É comigo mesmo. Trinta mil, mais taxa de manutenção do equipamento. Vocês terão seu céu de volta.

— Você consegue? — perguntou Rin.

— Ah, consigo.

— Infelizmente, sr., ahm, Shaw, não somos nós que o senhor precisa convencer. — Haskins finalmente encontrara a própria voz. Com uma tossezinha encatarrada, continuou: — Os vereadores precisam aprovar um gasto dessa monta. Bom, nós convocamos uma reunião de emergência quando Liddy, do estaleiro sideral, notou sua aproximação. Estamos nos reunindo na prefeitura...

Shaw deu um sorrisinho. Rin notou que seus olhos continuavam sem humor e sua voz era baixa como um motor em ponto morto.

— Cinco mortos, e você está preocupado com os vereadores...

— Seis — interrompeu Rin.

Shaw fez: — Hmm?

— Seis mortos. Perdemos mais duas pessoas enquanto você vinha.

— Onde fica essa praga de prefeitura? — gritou ele, e a motosserra em sua voz voltou à vida.

— Fica em Center Green, na rua principal. Eu levo você no *cruiser*.

— Vá você no *cruiser*. — Ele se voltou e entrou na nave outra vez.

Rin lançou um olhar confuso a Haskins. *É preciso um babaca de marca maior pra me fazer ficar do lado do meu chefe*, pensou ela.

Houve um zumbido metálico dentro do transporte. A grande porta do compartimento de carga começou a se abrir.

A porta se abriu completamente, e na mesma hora Rin parou de se preocupar tanto com a perícia de Shaw.

O golias de aparência mais mortífera que Rin já vira saiu do transporte, sendo pilotado por Shaw. Do lado, havia um nome em estêncil: *Matamoscas I*.

Na verdade, Rin jamais vira um golias pessoalmente, mas o robô-andarilho aparecia frequentemente nos artigos sobre defesa contra mutaliscas que ela andara lendo desde a morte de Alden Moss. Vira fotos dos robôs, mas nenhum era como aquele.

Shaw substituíra os canhões automáticos de alma lisa por metralhadoras tipo Gatling em braços articulados, completos com garras de carregamento. Parecia a Rin que seriam de grande ajuda contra alvos aéreos. Ele também conseguira fazer uma gambiarra com um par de lançadores de mísseis da CTU. E, no lugar da metralhadora padrão montada na junção das pernas, Shaw de alguma forma instalara...

Cacete, é um laser de nave Espectro! Como ele conseguiu fazer isso funcionar?!

Mas, antes que ela conseguisse articular a pergunta, o golias de Shaw já saíra do hangar, avançando em direção à cidade a toda velocidade.

Praga!, pensou Rin, e correu para o *cruiser*.

* * *

Shaw pelo jeito não acreditava em limites de velocidade, pois Rin precisou ir a toda até a prefeitura, sentindo o pequeno *cruiser* (construído para ter uma boa aparência em mundos menos inóspitos) gemer e estremecer com o ritmo puxado.

Mas Rin e Haskins chegaram ao destino sem acidentes. Chegaram a tempo de ver Shaw parar perto da prefeitura e meter a mão na buzina — projetada para atrair atenção em combate, e não para perturbar uma pequena cidade hoteleira no deserto.

As pessoas chegavam, saindo do prédio e contornando as sebes que cercavam quadras de tênis e spas reservados. Os vereadores, cidadãos preocupados e turistas — muitos turistas

— estavam se aglomerando no gramado. Muitos pareciam irritados pela perturbação.

Outros pareciam apenas curiosos.

Shaw desceu do golias e começou a falar.

— Meu nome — disse — é Breg Shaw. Sou caçador de mutaliscas. Eu já destruí mais de trinta pináculos pessoalmente e participei da destruição de centenas. Se vocês deixarem, vou resolver o problema com mutaliscas de vocês.

A multidão murmurou.

— Como a gente sabe que você dá conta? — gritou alguém.

— Vocês só me pagam quando eu terminar o trabalho. E podem deixar quem vocês quiserem supervisionando o processo.

A multidão murmurou mais alto agora, em aprovação, e um dos vereadores falou.

— Você consegue matar esses bichos rápido?

— Deve demorar uma semana para localizar esse pináculo...

— Não, não vai demorar isso tudo!

Todos se voltaram para Champlain, e ele empurrou os óculos para o alto do nariz (*Sério mesmo?*) e desenvolveu: — Não vai ser preciso uma semana. Eu pus meus instrumentos nos desfiladeiros, para gravar os padrões de voo das mutaliscas. E identifiquei um vetor de habitação bastante confinado.

Shan encarou Champlain, surpreso por ser interrompido, e seu queixo quase caiu quando ele viu o nerd.

— O que quero dizer — terminou Champlain — é que posso levar você direto para o pináculo.

— Perfeito! Perfeito. Você leva nosso perito em mutaliscas da Supremacia junto e resolve nosso probleminha! — Haskins estava bem feliz.

Agora que os vereadores toparam, ele não quer saber mais de nada, pensou Rin. Shaw fez um barulho que soou como "Tchah!". E antes que ele pudesse recusar, Rin se pegou dizendo...

— Eu também vou.

* * *

— Mas por quê?!

Rin apostara consigo que Jasper seria contra, e agora estava devendo uma cerveja a si mesma.

O garoto a encarou com seu rosto avermelhado. Jasper se parecia um pouco com Rita, mas o gesto era pura Rin, e ela viu tão claramente como se olhasse em um espelho. Rin se sentiu lisonjeada e mortificada ao mesmo tempo.

— No caso de esse sujeito não conseguir, alguém daqui tem que ir lá ver com o que estamos lidando, ficar por perto para tomar as decisões difíceis pela cidade, rapazinho.

— Mas por que tem que ser você? — perguntou Jasper.

Rin suspirou e passou o braço ao redor do ombro do menino, um abraço que dizia "vamos andar e conversar" e que ela recebera do pai vezes sem conta. Ela respirou fundo e falou devagar:

— É a minha cidade.

* * *

— O certo é irmos nós duas lá — disse Rita. — R e R chutando B's!

— Rita, pense no que aconteceria se apenas uma dessas coisas, uma só, chegasse à cidade. Você quer mesmo que o único representante da lei no local seja o Keith?

Rin tentou rir, mas Rita a encarou sem prestar atenção na piada, bem fundo nos olhos.

— R... se você morrer lá... *eu te mato*.

Rin sorriu. — Se cuida.

* * *

Champlain já estava pronto quando Rin chegou na manhãzinha do dia seguinte, em seu veículo de blindagem leve (VBL) dilapidado. Shaw e Champlain tinham passado parte do dia prendendo a cápsula-laboratório do professor no *Matamoscas*, na traseira, atrás e sob os mísseis, onde não seria atingida. A estrutura parecia uma mochila no golias — uma cadeirinha científica de copiloto.

— Esse negócio vai roubar uns cinco a dez por cento da minha velocidade — grunhiu Shaw.

— É só mandar o console operacional substituir a energia por vinte por cento da energia destinada ao giro seus mísseis gigantes enquanto viajamos. Isso não vai interferir na corrente de tração. E quando avistarmos o pináculo, você me solta e fica com sua capacidade de combate intacta — disse Champlain.

Shaw ergueu a sobrancelha. — É, acho que isso mata.

— Bom dia, rapazes — disse Rin. — Prontos pra partir?

— Será que *você* está, xerife? — disse Shaw, sinistro. E enquanto ele subia na nacele do golias, Rin viu Champlain revirar os olhos.

Logo o estranho trio partiu para o deserto, e o VBL de Rin seguiu o golias bizarramente modificado enquanto o calor do dia ficava mais intenso.

* * *

— Foi meu segundo doutorado, na verdade. O primeiro foi em química orgânica. Mas isso levou naturalmente à xenobiologia. Sabe como é: se um cientista quer ser notado no setor Koprulu, é melhor se envolver no esforço de guerra.

Rin sorria enquanto ouvia Champlain tagarelado na tela.

— Doutor, eu preciso perguntar: por que eles mandaram você pra cá? Se é pra observar o comportamento das mutaliscas... metade do setor está em erupção no momento.

Comparado com isso, nosso problema não passa de um formigueiro.

— *Professor* — choramingou Champlain. — Fui eu quem pediu essa missão. Acho que o pináculo daqui talvez seja o lugar perfeito para achar meu grande prêmio.

— Espere um pouco. Repita isso — suspirou Rin.

— Bom, você sabe que os zergs são adaptáveis; o código genético deles é mais uma orientação que uma regra... não sei se você entende...

— Use palavras pequenas e eu vejo se consigo acompanhar — brincou Rin, sem conseguir evitar provocá-lo.

— Oh! Ah... desculpe. Bom... as mutaliscas são das subespécies zerg mais adaptáveis. A habilidade de voar sem ajuda no vácuo do espaço ou usar seu trato reprodutivo como arma... a mutalisca desenvolveu características fascinantes sobre as quais nós sabemos muito pouco.

Elas são perigosas, pensou Rin. Isso a gente já sabe.

Champlain continuou: — Uma adaptação que as mutaliscas podem desenvolver é uma tolerância natural à gosma corrosiva de outras mutaliscas do mesmo pináculo. Elas vivem em um espaço tão confinado lá... Imagina se você corresse o risco de se dissolver cada vez que seu irmãozinho se cortasse. Não daria certo.

Rin se espantava com as ondas de entusiasmo de Champlain enquanto ele discursava sobre sua área de estudo. *Seria bonitinho, pensou, se ele não estivesse falando de insetos voadores impiedosos que parem vermes parasitas e sangram ácido.*

— As mutaliscas desenvolvem essa tolerância em resposta a pequenas exposições — continuou ele —, mas não chegam a se inocular o suficiente para que seus corpos consigam resistir ao banho corrosivo que se segue à morte e dissecação. Elas não vivem o suficiente para desenvolver essa tolerância.

— Por que não? — perguntou Rin.

— Porque as mutaliscas não exibem nenhum instinto de autopreservação. Não faz parte de sua natureza tentar prolongar suas vidas; o objetivo delas é preservar a vida do pináculo. Mas de vez em quando nasce uma mutalisca com esse instinto intacto, mas é uma em milhões. Essas mutaliscas vivem muitos anos a mais que a média. Minha teoria é que, com tempo suficiente, uma mutalisca de vida longa acaba por desenvolver tolerância suficiente aos próprios fluidos para que seus tecidos resistam a uma morte violenta e à dissecação posterior. Eu chamo isso de Teoria da Mutalisca Astuta... esse é o meu grande prêmio.

— E você acha que pode encontrar uma no nosso pináculo? — perguntou Rin.

— Uma lua recôndita, infestação não estratégica, bastante comida... As mutaliscas procuraram esse pináculo escondido depois que a Supremacia destruiu as duas colmeias conhecidas de Choss e conseguiram escapar à detecção de três equipes sanitárias. Então

são boas candidatas. A geologia natural da região — penhascos, platôs etc — torna mais fácil evitar a detecção. Uma mutalisca pode sobreviver facilmente aqui e até ficar mais forte

— basta se manter fora de vista e impedir que o ninho seja detectado.

— Você acha mesmo que elas são inteligentes o suficiente para entender tudo isso?

— perguntou Rin.

— Um dos motivos de elas serem tão fascinantes, xerife, é que é difícil dizer com exatidão o que elas sabem e o que não sabem. — Champlain sorriu.

— Escuta só essa conversa... — Já fazia tanto tempo desde que Shaw se pronunciara que Rin tinha se esquecido de que ele estava ali. Agora, ao se intrometer, Rin podia ver seu sorriso sarcástico na tela; a pequena câmera grande angular da nacele aumentando grotescamente suas cicatrizes. — Cês acham que isso é uma excursão escolar? Acham que vão pegar uma mutalisca, prender ela numa caixa com um alfinete e um pedaço de algodão?

— Chacota pingava de cada palavra. — Uma mutalisca é um bicho matador. O bicho matador mais cruel e perverso que o diabo já inventou, nesse setor ou em qualquer outro. Cada parte do corpo dela pode matar!

— E é exatamente por isso que é importante que nós as estudemos! — Champlain ficou na defensiva. — Quanto mais entendermos essas criaturas, melhor poderemos nos proteger contra elas. Se fizermos isso direito, a próxima cidade que enfrentar uma infestação vai poder evitar perdas desnecessárias...

— Quietos, os dois! — Shaw imediatamente mudou seu foco de interesse, ficando absolutamente atento. Ele parou o golias, e Rin aproveitou a deixa para desligar o VBL.

— O quê?! O que está acontecendo? — perguntou Champlain.

— Boca fechada e olho aberto! — bradou Shaw. — Ali, na elevação...

Shaw bateu com o dedo na tela do console e, um segundo depois, uma coordenada foi triangulada no visor de Rin. Ela pegou os binóculos e se voltou para o ponto indicado na tela.

Três mutas agarravam-se a um grão-javali enorme, sugando sua vida com cobiça. Rin ouviu os guinchos, altos, agudos e aterrorizados. Rin já tinha abatido muitos grão-javalis — bichos maus e durões do tamanho de rinocerontes, que do nada atacavam a chifradas —, mas naquele momento sentiu certa pena da fera.

— Viu? — sussurrou Champlain. — Essas mutas devem precisar muito de sustento *líquido*, porque o organismo simbiótico de nutrição, chamado "gosma", que devia existir em grande quantidade na fase inicial de infestação, já deve ter acabado quase to...

O *Matamoscas* se ativou com um estrondo. Rin ouviu Champlain fazer um barulho parecido com "Urk!", e, no instante seguinte, Shaw corria em direção à elevação.

As mutaliscas gritaram e alçaram voo. Foi a primeira vez que Rin ouviu aquele som, o lendário guinchar aterrorizante de uma mutalisca, roubado dos gritantes louva-a-deus a partir dos quais os zergs as evoluíram. Rin descobriu que o som parecia rasgá-la por dentro.

— Tekeli-li! Tekeli-liiiii!

Esse barulho não devia existir, pensou Rin. *Um som feito para as almas condenadas.* As mutas deram uma volta e foram direto até o *Matamoscas*. Os ovopositores ondulados tremiam, preparando-se para disparar um jato de pestes morféticas coleantes. Por um instante Rin pensou que Shaw tinha perdido a razão e corria para a morte...

Então Rin ouviu as metralhadoras de Shaw girando. A primeira mutalisca tombou em meio a uma chuva de gosma ácida, vinte metros adiante. Rin ouviu o solo chiar com o impacto das gotas.

As outras duas continuaram indo em direção a Shaw e o *Matamoscas*. Shaw disparou nas pestes morféticas que estremeciam de maneira obscena, e elas estouraram chiando em meio à salva de balas. Rin sentiu um espasmo no estômago.

A segunda mutalisca estava perto agora, e suas mandíbulas e rebarbas estalavam enquanto ela se aproximava da nacele do golias. Rin ouviu Shaw grunhir na tela e o viu golpear com a metralhadora, um ataque com as costas das garras metálicas que enviou a mutalisca direto ao chão... e na direção dela.

A mutalisca agarrou-se ao chão e, agitando as asas com rebarbas, alçou voo novamente. E seus pequenos olhos alienígenas se fixaram em Rin!

A maior parte dos vídeos de mutaliscas fora filmada do ar, um monte de sequências de documentário e vídeos militares de treinamento. Dava pra notar o caos das asas em movimento e o modo como se agitava a metade inferior dos corpos. E, claro, Rin vira desenhos da anatomia das mutaliscas. Mas aquela era a primeira mutalisca que Rin vira *de perto*, com as mandíbulas estalando e as asas cortando o ar.

Rin sentiu medo e nojo quase em igual medida. No fundo de sua mente, uma pequena voz de primata acordou. *Corra!*, gritou ela. *Corra ou você vai morrer!* O sentimento a dominou, e por um instante sua mão adejou sobre os controles do VBL...

E então ela ouviu a voz de Shaw ecoando na tela.

— Ha hah! *Filhasdaputa!* Vão pro inferno, cambada! — Ele cuspiu e babava na tela.

Removida de seu transe, Rin pegou a velha AGR-14 do pai, debruçou-se para fora e disparou três vezes na mutalisco à frente. O animal guinchou, e Rin viu sangue borrifar no capô do VBL, queimando buraquinhos no metal.

Shaw eliminou a terceira mutalisco e, aproximando-se de Rin, pegou a segunda mutalisco pela cauda e a esmagou contra um rochedo próximo.

— Espero que você esteja preparada pro que vai vir agora... — rosou Shaw. Então ele apontou a arma para a cara da mutalisco...

... e abriu um buraco úmido e corrosivo na pedra atrás da fera.

Taí um cara que gosta do que faz. Ela viu um pouco de baba se acumulando no canto da boca de Shaw enquanto ele gritava em triunfo. *Gosta um pouco demais, talvez.*

O solo espumava enquanto a gosma formava poças. Shaw gargalhou e meteu uma bala na última pobre peste morfética que sobrevivera à chacina. Na tela do vídeo, Rin observou Shaw voltando-se para Champlain. — Então, professor. Era desse tipo de perda que você falava?

* * *

Quando a tarde chegou, a paciência de Rin já tinha se esgotado. Havia topado com mais dois grupos de caça, um casal e um grupo de seis, e Shaw provocara as mutaliscos e gargalhara feito um possesso ao massacrá-las.

— Shaw! — gritou Rin para a tela ao ver Shaw despachar o último inseto com o laser instalado na virilha do golias. *Eita ferro!*

— Que foi, mocinha?

Rin ignorou o diminutivo. — Eu mesma podia ter vindo até aqui e estraçalhado as mutas com a velha AGR-14 do meu pai, mas pensei que você fosse eliminar um pináculo pra nós.

— Estamos seguindo as orientações do cientistazinho aqui — zombou Shaw.

— As orientações estão certas. Se elas não estiverem a um clique daqui — logo ali depois da elevação — eu rasgo minhas credenciais! — disse Champlain, tornando-se petulante. — Além disso, cada morte conta. Elas com certeza não estão procriando. Não sem uma incubadora.

Os caçadores avançaram em direção à elevação e, ao chegarem ao topo, Rin pôde ver o vale se espalhando ao longe, bem como o enorme platô que dominava a paisagem.

— Uau! — disse Champlain, abalado demais pela imponência da vista para manter a compostura.

— Aquela é a Pedra da Bigorna — explicou Rin. — Choss foi colonizado mais ou menos há cem anos por um grupo de indivíduos "new age", do tipo que vive em comunas e só fala de "voltar à terra". Eles se chamavam "Anaranjado Noventa", Os Noventa Alaranjados, embora houvesse uns duzentos deles. Eles achavam que essa rocha era um local sagrado onde se podia fazer uma viagem de iluminação espiritual. Até onde eu sei, desde as celebrações do centenário (quando eu tinha dezessete anos), ninguém mais veio para cá...

— Olha lá! — gritou Champlain. Shaw dobrou à esquerda e desceu a elevação; Rin sacou os binóculos e o seguiu...

Lá embaixo, no fundo do vale, escondido na sombra do platô... estava o pináculo. Era maior e mais nojento do que Rin tinha imaginado, um tronco de osso e cartilagem com garras que se enfiavam no solo, do diâmetro da sequoia que Rin vira em um livro de fotos, quando criança. O tronco sustentava um saco membranoso e pulsante, com um buraco de ventilação circular no topo.

Parece o cu do capeta, pensou Rin, ouvindo a voz do pai em sua cabeça. *E é grande pra burro.*

Toda a área ao redor da Pedrada Bigorna estava lotada de asas batendo e ovopositores — Rin não conseguia contar todas. Então, movendo-se aos ritmos indecifráveis que governam os bandos, a horda alçou voo.

Havia incontáveis monstros, uma cacofonia guinchante de dentes e espinhos. Elas enchiam o céu, uma aterrorizante nuvem letal, gritando: — Tekeli-li! — *Venham morrer.* E, enquanto a enorme horda pousava no pináculo novamente, Rin pensou: *Vamos precisar de mais golias.*

— Eu bem pensei que podia ser algo assim — murmurou Champlain. — Esse platô deve ser rico em depósitos de minério. Funciona mais ou menos como tinta especial para evitar detecção por radar, usada em naves camufladas antigas. Por isso que não vimos esse pináculo nas varreduras por satélite. Por isso que as equipes sanitárias não encontraram nada! As mutaliscas devem ter sido atraídas pela altura do local, mas deram sorte de achar um esconderijo perfeito.

— Talvez não tenha sido sorte. Talvez elas *quisessem* se esconder dos seus satélites — resmungou Rin.

— Não, não. Mutaliscas não compreendem conceitos complexos como o radar — replicou Champlain.

— Pensei que você tivesse dito que era difícil saber o que elas entendem e o que não — disse Rin.

Champlain permaneceu em silêncio, encarando o bando enorme, até Shaw grunhir: — Muito bem. Champlain, desce das minhas costas e vai pro VBL com a xerife gatinha. Nós vamos fazer essas moscas superdesenvolvidas encontrarem o criador.

* * *

Meia hora depois, Rin e Champlain avançavam em alta velocidade em uma rota transversal ao pináculo. — É pra atçar essa coisa feia — dissera Shaw. — Faz esse calhambeque voar e passa direto pelo pináculo. É pra fazer muito barulho e não parar por nada!

Rin tinha discutido com ele. Difícilmente um único golias, embora armado até os dentes, conseguiria destruir o pináculo enorme.

— Faz o que você sabe — rugira ele. — Elas não são tão duronas assim... contanto que não estejam em casa...

Agora, enquanto Rin acelerava, o velho VBL sacudia e gemia, mas estava aguentando. Champlain ia atrás, mexendo com o volume de traquitanas tecnológicas que ele insistira em trazer com ele.

— Que treco é esse, doutor? — gritou Rin, acima do ruído do vento.

— Unidade de dispersão de feromônios sintéticos. Além do controle telepático, creio que as mutas se comunicam pelo olfato, com aromas diferentes. Tenho coletado e analisado algumas amostras. Se a gente tiver problemas, vou poder afastar as mutas ligando isso. Esse aroma imita os eflúvios de uma incubadora!

Rin torceu o nariz. *Eca.* — Você usa muito isso? — gritou ela.

— Não! — Ele sorriu com orgulho. — Só acertei a fórmula semana passada! Mal posso esperar para ver se funciona!

Que ótimo. Rin semicerrou os olhos e concentrou-se na tarefa.

O plano era simples. Rin e Champlain atrairiam a maior parte da horda para longe do pináculo, dirigindo à toda. Aquilo daria a Shaw uma chance de entrar lá com o *Matamoscas*, plantar uma carga explosiva no buraco superior do pináculo, explodi-lo e massacrar todo a horda quando as mutas se empilhassem, ao voltar para atacar.

— É só conseguir que essas feiosas se empilhem, e a gente vence — dissera Shaw. — Funciona que é uma beleza.

Rin torcia para que ele soubesse mesmo do que estava falando, pois senão ela teria que arrastar uma multidão de mutas irritadas pelo deserto até seu combustível acabar.

O pináculo estava mais próximo agora que eles haviam chegado à parte mais plana do vale. — Minha nossa — disse Champlain —, parece grande *mesmo* vendo tão perto!

Aquele era um baita eufemismo. Rin acelerou ainda mais, mas o pináculo não parecia se aproximar, apenas crescer e crescer.

Quando o VBL chegou ao pináculo, Rin pensou: *Lá vamos nós*, e pressionou a buzina. O barulho ensurdecedor da buzina cortou o ar do deserto como faca quente na manteiga. A horda alçou voo com um farfalhar de asas atroante, e Rin disparou pelo desfiladeiro o mais rápido que pôde.

— Olha lá! Olha lá! — A gritos de Champlain era inapropriadamente alegre. — Bem ali na frente! A mutalisca astuta! Olha!

Rin arriscou uma olhada por cima do ombro. *Péssima ideia. Realmente péssima*, pensou, vendo o mar de asas batendo e carapaças estalando.

Mas Champlain insistia. — Olha, bem ali! Está vendo as cicatrizes perto das mandíbulas? E as estrias no ventre? Bem ali na frente!

Rin deu outra olhada. *Deus, ele tem razão. Que filhadaputa feio...* Rin não imaginava que fosse possível uma mutalisca ser ainda mais feia, mas a criatura cheia de cicatrizes mais adiante destruiu tal crença. Ela liderava a horda enorme como o ganso alfa em um V migratório.

Enquanto isso, na elevação, Shaw fez o *Matamoscas* avançar na direção do pináculo, agora quase desprotegido. Rin o viu na tela, sorrindo como se tivesse conseguido pôr a mão debaixo da saia da rainha do baile.

— Tem alguma coisa errada! Olha a muta com as cicatrizes! — gritou Champlain. Rin olhou para trás. A mutalisca tinha subido ainda mais alto e se voltou, sendo seguida pelo rebanho inteiro, feito uma coluna de fumaça saindo de uma chaminé.

— Elas não estão nos seguindo — murmurou Rin. — Shaw! Elas pararam de nos seguir! Champlain engasgou. — Ele não vai ter tempo de plantar o explosivo! Olha! Vão chegar ao pináculo antes dele!

Rin ouviu Shaw praguejando enquanto o rebanho voltava ao pináculo. As mutaliscas chegaram lá antes do *Matamoscas* e saíram da formação em coluna, espalhando-se em uma nuvem de terror.

Rin observou Shaw dando a ré e disparando mísseis sem ver direito nas mutaliscas que o perseguiram.

Bom, pensou Rin, isso foi horrível.

* * *

Aquela noite eles acamparam na entrada de uma pequena caverna a um clique de distância da Pedra da Bigorna. Rin verificou o equipamento, detendo-se por um instante no lançador de granadas AGG-12 no porta-malas do VBL. *Também era do papai, como todas as minhas armas*, pensou. Trouxera o lançador sem pensar muito. *Esse treco só está com uma granada*. Mas que outra oportunidade teria de usá-lo?

Ela pegou a garrafa térmica com minestrone de skalet, que Rita e Jasper tinham preparado, e a esquentou no velho aquecedor em espiral que Shaw mantinha no *Matamoscas*. Enquanto a sopa borbulhava, eles se reuniram ao redor do brilho baço, aquecendo os dedos gelados.

Shaw estivera quieto desde que o plano fracassara e continuava quieto agora, encarando o vazio.

Quando a sopa ficou pronta, eles sentaram para comer. Depois de alguns instantes, Champlain disse para si mesmo: — Espera um pouco... — e começou a vasculhar sua bolsa de ferramentas. Após algum tempo, puxou de lá um frasco, desatarraxou a tampa e deu um pequeno gole.

— Passei um tempo em Shiloh... Dizem que é o melhor de todo o setor... o uísque, digo. Ele o estendeu para Rin, que sorriu, aceitou e deu um gole. O calor suave do uísque de Shiloh queimou sua língua e se espalhou por seu corpo, cortando o frio da noite do deserto. Rin olhou para Shaw e ofereceu a bebida.

Shaw avaliou o frasco por um momento e pareceu se decidir. Ele estendeu a mão, pegou o uísque, cheirou, sentindo o buquê, e tomou um gole.

— Vocês dois trabalharam bem hoje. Alguma coisa assustou elas, e não foi culpa sua. Não dá para saber sempre o que faz elas atacarem. — Ele deu outro gole e passou o frasco de volta a Champlain. Então disse: — Mutas entram em frenesi o tempo todo. Frenesi por comer, frenesi por se multiplicar. Frenesi por sangue. Uma mutalisca consegue farejar uma única gota de sangue a dois cliques de distância.

Rin pegou o frasco que Champlain passou, mas não bebeu. A luz do aquecedor queimava nos olhos de Shaw, queimando fundo. *Como se vivesse dentro dele*.

— O frenesi faz elas serem meio parecidas com a gente. A gente tem que... se aproveitar do que elas querem. Mostrar pra elas. Deixar elas cheirarem. É isso que faz elas se

enrodilharem umas em cima das outras, todas loucas daquele jeito. É aí que a gente acaba com elas.

Rin deu outro gole no uísque e sentiu um calafrio subindo por suas costas. Champlain não conseguia limpar o pigarro. — Co... como você aprendeu tanto sobre elas? Nem, ahm, nem todo mundo sabe sobre o modelo comportamental Higgs-Davis de paroxismo... alguns colegas meus, só, e militares... o pessoal que... você sabe.

Shaw ficou quieto por um tempinho depois de aceitar o frasco.

— Quando a operação em Mar Sara estava acabando, na época em que as coisas ficaram feias, com os protoss pairando sobre o pedaço de vidro que um dia foi Chau Sara e já se voltando para o planeta-irmão, nós tentamos evacuar o planeta. Vocês leram a respeito e viram os holovídeos.

Então ele bebeu, não um gole tímido, mas uma boa talagada.

— Eu era sargento a bordo da *Hussardo*, um cruzador de batalha com mais ou menos doze mil homens na tripulação. Nós fomos destacados para ajudar com a evacuação, sem tempo de nos abastecermos direito, nem de recarregar o arsenal — nos metemos naquela lata velha com a cara e a coragem.

— Você estava na *Hussardo*? — grasnou Champlain antes que Rin pudesse acotovelá-lo.

— Nós partimos com quatro mil colonos, indo a toda para o ponto de evacuação, já esperando que os canhões de íons dos protoss fossem nos acertar a qualquer momento. Mas a gente não sabia muito sobre os zergs naquela época... que tinha tantos deles e tão diferentes... nem que alguns podiam voar no espaço.

O silêncio do deserto parecia mais espesso. Rin notava a respiração de Shaw, de Champlain e a sua. Parecia um som úmido, alto e pouco natural ali, onde a quietude era mais adequada. — Cinco mil almas deixaram Mar Sara aquele dia. Cinco mil choraram e gritaram quando atingimos a nuvem de mutas.

Ele pausou e deu um suspiro profundo, cujo som fez Rin pensar na velha motosserra do pai, engasgando no meio da mata e ficando sem combustível.

— Quatro dias depois, resgataram 63 pessoas numa cápsula ejetora.

— Os 63 sortudos — comentou Champlain, acenando gravemente com a cabeça.

— "Sortudos". — Shaw riu, um som sem alegria alguma. — "Sortudos".

* * *

Rin sonhou com Jasper gritando. Ela correu e correu, tentando encontrá-lo. Os gritos! Os gritos...

Os gritos eram de verdade, mas não era... não era Jasper...

Os olhos de Rin se abriram e ela viu as asas no céu da manhã, batendo muito e se aproximando rápido. Pegou a AGR-14 do pai, viu Shaw correr para a nacele do *Matamoscas*, viu Champlain parado ali com a boca aberta.

— Entra! — gritou, agarrando ele pela jaqueta e puxando-o para o VBL. Ela se voltou e esvaziou um pente de balas na primeira muta a entrar no alcance de tiro, rezando ao ouvir as metralhadoras de Shaw começando a girar.

* * *

O ataque constituíra-se de treze mutas, e eles tiveram sorte de não ter sido mais. Rin fez uma careta ao pensar no que uma só das criaturas podia fazer, à solta na cidade.

Eles derrubaram as primeiras nove facilmente, e outras duas morreram com ataques laser, mas estavam perto demais para que Shaw pudesse usar os mísseis, e as últimas duas alcançaram o *Matamoscas*. Shaw conseguiu derrubá-las, cravando-as com balas, mas não antes de arrebentarem o lançador de foguetes do golias.

Aquilo provocou a discussão.

— Elas estavam caçando *a gente*, Shaw! Estavam caçando *a gente*! — Rin estava guardando o equipamento no VBL o mais rápido que podia. Eles tinham sido tolos em tentar aquilo. *Agora só resta voltar pra cidade e começar a evacuação, deixar a população segura*, pensou. *Então, se eu tiver sorte, dez mil refugiados aparecendo na porta do Strong vão fazer ele começar a trabalhar rapidinho.*

— Mutas caçam! É isso o que elas fazem! — rosou Shaw, arrancando o que sobrava do rack de mísseis do *Matamoscas*.

— Em grupos de dois, cinco ou seis! Você matou as mutas ontem! — gritou Rin. — Elas estão nos caçando especificamente, e nós vamos voltar para a cidade e garantir a segurança da população!

— Eu falei para você fazer o que você sabe, xerife! — rosou Shaw.

— O que eu sei é que não vou jogar com a vida da minha gente só para você ficar brincando de soldado para lá e para cá, até uma dessas coisas chegar perto o bastante para acabar com a gente! Nós vamos voltar...

Shaw disparou contra a lagarta do VBL. Num minuto, Rin estava empacotando as coisas em um VBL operacional, um veículo que ela mimara e reconstruíra e amara, do qual dependia para voltar para casa e salvar Rita e Jasper, o doutor Beele e o resto; no minuto seguinte, ela estava guardando o equipamento em uma carcaça inútil. Shaw atirara com o laser da virilha do golias e mandara a lagarta do veículo pro diabo.

— Você é louco. Você é um louco do inferno e vai acabar matando a gente! — reclamou Rin.

— As únicas coisas que vão morrer hoje são esses insetos! Eu já explodi mais de cem pináculos e vou explodir cem mais, e quando estivermos vendo aquele monte de catarro feioso borbulhando e sumindo no chão, a senhorita vai me agradecer por ter brios enquanto você não tem nada. Agora entra. Eu puxo vocês.

* * *

E foi assim que Rin se viu na elevação, observando Shaw armando outro ataque surpresa. Ele arrastou o VBL até o topo da elevação e o apoiou em algumas rochas ao lado de um arroio íngreme. Rin o acompanhara porque sair do deserto levaria três dias a pé e não havia como levar água suficiente na mochila... além disso, o que mais ela podia fazer? Champlain não dissera nada desde o ataque da manhã e não dizia nada agora, sentado no capô e roendo as unhas enquanto lá embaixo, no vale, Shaw soltava uma isca — um planador robótico barato com uma buzina atroante acoplada.

Rin mal teve tempo de pensar: *Isclas. O cretino tinha isclas e nos deixou atrair o rebanho ontem assim mesmo.* Foi aí que tudo deu espetacularmente errado.

O bando voou atrás da isca e a perseguiu por um tempo, mas, assim que Shaw partiu para o pináculo, a nuvem de mutas se separou em três partes e atacou.

É um ataque em pinça. Pegaram ele num ataque em pinça!, pensou Rin, e ela ouviu Champlain engasgar.

Shaw deu tudo o que tinha. As metralhadoras dispararam e o laser derrubou dezenas de mutas do céu, mas, para cada uma que caía, uma dezena aparecia guinchando em sua direção.

— Vão matar ele! — berrou Champlain. — Temos que... temos que fazer alguma coisa! O dispositivo!

Ele remexeu em suas coisas e puxou uma geringonça do tamanho de uma bola de praia. — Por favor, por favor... — balbuciou Champlain, enquanto o bando se apinhava ao redor do golias cambaleante mais rápido do que Shaw conseguia se desvencilhar.

Ah, inferno, pensou Rin, e pegou a AGR-14.

Eles correram seguindo a elevação ao lado do arroio. Champlain mexia na bomba de feromônios. Para a consternação de Rin, o dispositivo começou a emitir um barulho estridente.

No mesmo instante, um grupo de mutaliscas alçou voo e foi na direção deles.

Rin começou a disparar. Ela rasgou as asas de uma muta e viu-a desabar em um jorro de ácido, mas as outras logo foram para cima deles.

Pestes morféticas começaram a atacar o chão, logo à frente de Rin. Ela disparou, e as pestes se contorceram e estouraram feito pipoca na panela. Sentiu o jorro ácido nos três dedos da mão esquerda e uma dor excruciante quando a carne começou a fritar e cair.

— Tá quase...! — gritou Champlain, e então uma muta veio.

Rin sentiu o tempo desacelerar enquanto Champlain cambaleava para trás, tentando não ser agarrado pelo ovopositor. Com uma clareza alarmante, ela viu o pé de Champlain bater numa pedra e seu centro de equilíbrio mudar; ela o viu pairado no ar...

... e desaparecendo no arroio logo depois.

Ela gritou e afundou o dedo no gatilho e sentiu arder no peito um ódio profundo por aquelas coisas, aquelas coisas horrendas que nem deveriam existir!

Era uma sensação boa ver a muta mais próxima explodir com a carapaça atravessada por espinhos, ouvir outra guinchar, atingida pelo estouro e atirada com violência ao chão. Ela ouvia Shaw xingar ao longe, na videotela do VBL, enquanto corria para a beira do arroio.

— Champlain! — gritou. — Champlain! Brad! — No fundo, o corpo dele repousava inerte, numa posição estranha. *Não dá pra saber*, pensou Rin. *Não dá pra saber se ele ainda está vivo*.

Ela sentou-se com as costas apoiadas numa pedra e conteve o impulso de gritar, chorar, qualquer coisa. O *Matamoscas* jazia no vale, terrivelmente coberto por asas cravejadas de espinhos. Shaw pelejava, lutava, cambaleava, sentindo o peso aumentar, o jorro ácido das mutaliscas invadir o capacete, a blindagem, sua pele.

Rin sabia que ele estava acabado. As mutaliscas eram muitas, eram demais para qualquer um deles. Ela viu Cicatriz sobrevoar o golias decadente, desesperado, despedaçado, e o homem lá dentro. *Quando foi que dei um nome a essa coisa?*, perguntou-se levemente. *E, meu bom deus, a mutalisca astuta idiota de Champlain, o grande prêmio, vai matar todos nós?*

Cicatriz mergulhou. As outras mutas se espalharam como ondas na superfície de um lago. Rin viu Cicatriz afundar as presas na blindagem danificada e rasgá-la; viu Shaw encarar o maior pesadelo de sua vida; viu a mutalisca emitir um grito estridente na cara dele — Tekeli-li! — e sentiu um tremor percorrer sua espinha quando ele urrou de volta com toda a força dos pulmões, um grito primevo e furioso para seu algoz.

Era corajoso, e Rin sentiu avultar-se em suas entranhas uma terrível mistura de angústia, empatia e afeto pelo guerreiro destemido, enlouquecido, que condenara a todos. Foi naquele instante, em meio ao vínculo forte, que Cicatriz cravou um espinho no peito de Shaw. Ela ouviu o impacto, ouviu o berro de Shaw terminar num pedido de socorro balbuciado e se deu conta de que o frenesi das mutas agora era por um cadáver cujo calor esvanecia, não um homem.

Ela estava encurralada. Minha única chance é aquele golias. Mas ele está fervilhando de mutas. Mesmo se conseguisse afastá-las, a máquina está tão destruída que elas estariam em cima de mim num piscar de olhos.

A queimadura na mão piorava. Rin arriscou uma espiada e sentiu um engulho seco, lutou contra a náusea, mordeu o lábio para suportar a dor.

Enquanto esperava o mal-estar passar, Rin fitou o pináculo que tanto odiava, a Pedra da Bigorna despontando mais atrás, o banquete servido com o que outrora fora Shaw.

Sangue de mutalisca se torna altamente corrosivo quando exposto à atmosfera, ecoou sua memória. A gente tem que se aproveitar do que elas querem, dissera a voz de Shaw no acampamento. Uma mutalisca consegue farejar uma única gota de sangue a dois cliques de distância.

Rin se imaginou desistindo. Imaginou sua pobre cidade turística abandonada. Imaginou Rita e Jasper sozinhos quando o bando se visse sem grãos-javalis e morcegos e rumasse para o oeste...

Só tinha uma opção. Não era uma opção de fato, mas a atual conjuntura a tornava a única digna de consideração.

Lutando contra a dor, Rin claudicou de volta até o VBL e vasculhou a mochila em busca da faca laser que tomara emprestado do Dr. Beele. Arriscou uma segunda olhada e viu que o mindinho, o anelar e o dedo médio eram pouco mais que uma massa borbulhante de carne e pele. Rin prendeu a alça da bolsa entre os dentes e aproximou a faca dos dedos destruídos.

Depressa, pensou, como um curativo. Seus dentes se afundaram ainda mais no couro da bolsa, e ela sentiu uma gota de suor descer-lhe pelo pescoço. Um... Dois...
Com um movimento veloz e um borrifo impregnado de cheiro de carbono, Rin decepou os dedos.

A dor percorria seu corpo como se a faca tivesse perfurado o estômago, e sua visão encheu-se de pontos coloridos. *Não vou desmaiar*, asseverou consigo mesma, e mordeu a correia com tanta força que seus dentes quase a atravessaram, enquanto o mundo entrava em foco. Ela abriu o porta-malas do VBL e puxou o velho lançador de granadas AGG-12 do pai.

Pensou na única granada de punição que restava, suficiente para derrubar, com sorte, um grupo pequeno, talvez cinco ou seis mutas. *Mesmo peneirado, o bando é enorme.*

A granada tinha vinte anos, e só restava torcer para que o lançador ainda funcionasse. *Por que comprar granadas novas nunca foi prioridade pra mim?* Em seu escritório, havia pelo menos dez resmas de papéis timbrados de QSD que poderiam ter se tornado uma granada adicional. *Só um formulário diferente*, pensou.

Isso não é nada bom. Ficando zonza. Preciso me concentrar... Me concentrar e começar a andar.

Com cuidado, Rin começou a se arrastar, circulando o pináculo, o golias derrotado e a Bigorna. Enquanto o sol ascendia no céu, o suor evaporava em seu pescoço, a pele desprotegida chiando sob o calor.

Enfim, *enfim*, ela chegou à parte de trás da Bigorna.

Só quando chegou à base percebeu quão gigantesca era aquela coisa. *Uma escala que te faz se sentir insignificante. Uma escala que te faz ficar tonta só de olhar pra cima, mesmo que não tenha acabado de passar por uma amputação autoadministrada.* A escala lembrava Rin dos penhascos nauseantes perto da cidade.

Eu não consigo escalar essa pedra, pensou. Então Jasper e Rita vieram-lhe à memória, e ela ergueu a mão mutilada para se agarrar à pedra.

* * *

O sol se punha às suas costas enquanto, aterrorizada, ela escalava lentamente até o topo da cordilheira. *Estou carregando uma arma feita para um homem com o dobro do meu tamanho com três dos meus melhores dedos a menos*, pensou. *Perfeito para uma iniciante.* E ela escalava.

As batidas e estalos das mutaliscas dilacerando o corpo de Shaw começaram a diminuir. *Por favor, crianças, não deixem nadinha no prato. Eu não quero ser pega pendurada nessa rocha filha da mãe como uma uva na parreira.*

A meio caminho do topo, o chão lá embaixo causava vertigens. Rin sentiu a bile subir pela garganta. *Não adianta tentar evitar.* Ela vomitou. Sabia que estava tonta, desidratada agora, morrendo sob o sol.

E ela *escalava*.

Finalmente, uma das mãos de Rin chegou ao topo, achatado e pelando (*graças a deus!*), e a outra agarrou-se em seguida. (*Puxa. Puxa! Pra cima, por favor!*) Subitamente, não era mais preciso escalar.

Deslizou de bruços, relutante em se levantar, petrificada diante da vista. Ela rastejou até a beira da Bigorna (*Não olhe pra baixo!*) e mirou com cuidado com o AGG-12: Bigorna para pináculo, pináculo para golias e o que quer tivesse de nojento lá agora. (*Não pense nisso!*) *Uma chance. Não estrague tudo.*

Lutando contra outra onda de náusea, Rin enfiou os cotocos dos dedos mutilados entre os dentes e mordeu.

Um surto de dor e, um segundo depois, alucinações. *Nem pense em desmaiar!*, urrou para si mesma. Um jato de sangue, do próprio sangue, esguichou em sua boca...

Engasgando-se, sufocando, sem saber se ria ou se chorava, Rin esticou a cabeça na beirada... e cuspiu uma névoa de sangue no vento.

A reação foi chocante, centenas de asas de couro rasgando o ar violentamente, ruidosas como um trem-bala. O bando entrou em formação ao redor de Cicatriz e se enfileirou em direção a Rin.

Ainda não...

O guincho herdado dos louva-a-deus escandalosos que irrompia das coisas fez revirar o estômago de Rin, mas agora com a força de cinquenta e dirigido a ela. "Tekeli-li! Tekeli-liiii!" Cada terminação nervosa implorava para que corresse.

Ainda não!

A distância diminuía. Metade! Mais um pouco! A nuvem de asas irrequietas avançava resoluta com um único propósito, para um único alvo, uma enorme massa de zergs fluindo como uma só criatura ondulante...

As mutas haviam se aglomerado. Formavam uma mancha descomunal e terrível no céu. Enquanto observava a nuvem, uma criatura horrenda emergiu na fileira da frente — uma criatura com cicatrizes em volta da mandíbula!

Rin respirou fundo, mirou e disparou sua única granada.

Baixo.

Baixo demais para acertar o canalha.

Baixo demais até para acertar o rebanho...

... mas o suficiente para girar (*fazendo piruetas*) em uma parábola perfeita...

... e cair direto no orifício que encimava o pináculo, abaixo da horda.

Num piscar de olhos, a massa havia sumido em meio à gosma corrosiva lançada aos ares pela explosão do pináculo e das mutas que lá dormiam. Rin ouvia os guinchos, carregados de morte, e viu carapaças e asas se desfazerem na tempestade de entranhas tóxicas. Ela sentia o *cheiro* da morte dos filhos da mãe.

Nada melhor para acabar com um grupo que dano colateral.

* * *

Na descida, apenas um borrão de tropeços e quedas. O lado da Bigorna que dava para o pináculo era menos íngreme, mas Rin já estava perdendo a consciência, vendo coisas que sabia que não poderiam estar lá.

Nos últimos metros, ela despencou...

... e a escuridão venceu.

* * *

Rin despertou com o som das batidas mecânicas de um golias manco.

Onde?, perguntou-se morosamente, enquanto o mundo voltava a ganhar foco.

Sentindo a consciência se solidificar, Rin percebeu que estava na cápsula-laboratório, ao som do zumbido baixinho do *Matamoscas*. Uma dor sutil no antebraço chamou sua atenção. Olhou para baixo e viu uma sonda intravenosa pingando os fluidos que lhe devolviam a vida.

— Shaw? — boquejou sem força, tentando entender o que se passava.

— Xerife Shearon! Você acordou! — A voz definitivamente não era de Shaw. Champlain estava vivo, guiando o golias.

Com um dos braços apoiado por uma tipoia, Champlain tinha que se virar para manipular só com a mão livre os controles, que mal conhecia. Ainda assim, quando virou a cabeça para fitá-la, estava radiante de orgulho.

Rin se sentou mais para cima e viu um pedaço de Cicatriz preso ao chassi. As entranhas do monstro fumegavam suavemente, mas o tórax estava intacto.

— Parabéns! Você ganhou o prêmio!

Brad se virou para ela e sorriu, empurrando os óculos quebrados sobre o nariz.

— É.

Um rio de gargalhadas irrompeu de Rin, como se seu corpo precisasse de um recurso biológico para se convencer de que estava vivo.

E Brad também desatou em gargalhadas.

Logo o *Matamoscas* estava pendendo para o lado feito um bêbado. Brad gargalhava e tentava se segurar, e os dois gargalharam mais ainda.

Quando o autocontrole começou a se restabelecer, Brad bufou: — Eu acordei quando você explodiu o pináculo. Ou melhor, quando causou aquela explosão colossal. Eu não sabia o que era até conseguir me arrastar para fora da ravina. Não foi fácil, com a ulna fraturada, mas eu consegui. E lá estavam vocês dois, a xerife e a mutalisca, deitadas no chão.

— Bem, Brad Champlain — sorriu Rin —, você é meu herói.

Ela olhou para a carcaça fumegante e soltou um suspiro.

— Imagino que a OPE tenha injetado dinheiro no cientista certo. Quer dizer, porra, eles conseguiram o que queriam, e só me custou alguns dedos!

Champlain parou o golias, olhou para trás e deu de ombros.

— Não sei. Talvez eles ainda tenham que suar um pouco. Talvez acabem tendo que pagar de alguma maneira. Algo como... algumas torres de defesa com mísseis relâmpago?

A expressão de deleite e malícia no rosto de Champlain arrancou outro sorriso de Rin.

— Como quiser, Professor. Você é o perito.

Os dois começaram juntos a viagem de volta para casa.

Fim.